REVISTA CIENTÍFICA ACADÊMICOS PENTECOSTAIS

Associação de Pesquisa, Estudos e Diálogos

Publicação periódica de divulgação acadêmica e científica

IDENTIFICAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Mantenedora	Acadêmicos Publicações — CNPJ 66.494.296/0001-52
Natureza	Publicação periódica científica de acesso aberto
Periodicidade	Fluxo contínuo
Área do conhecimento	Ciências da Religião e Teologia
Edição	v. 1, n. 2 (2026)
Local	Jequié, Bahia, Brasil
Sítio eletrônico	https://www.academicospentecostais.com/
Instagram	@academicos_pentecostais
Contato	contato@academicospentecostais.com
Repositório	Os artigos são depositados, preservados e recebem DOI no repositório científico ZENODO: Comunidade Acadêmicos Pentecostais no ZENODO

MISSÃO E ESCOPO

A Acadêmicos Pentecostais é uma publicação periódica de divulgação acadêmica e científica dedicada ao estudo do pentecostalismo e do movimento carismático em suas dimensões histórica, teológica, missional, social e pastoral. O periódico reúne artigos, resenhas, estudos e reflexões que articulam rigor de pesquisa com a vida da igreja, da sociedade e da comunidade científica, contribuindo para o diálogo entre a esfera acadêmica e a comunidade eclesial.

FICHA DO ARTIGO

Título	Avivamento e transformação social: Evan Roberts e o País de Gales entre a reforma moral e a permanência institucional
Autoria	Anderson Macedo de Oliveira
Categoria	Artigo
DOI	https://doi.org/10.5281/zenodo.24057588
Licença	Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0) https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt-br

COMO CITAR ESTE ARTIGO

OLIVEIRA, Anderson Macedo de. Avivamento e transformação social: Evan Roberts e o País de Gales entre a reforma moral e a permanência institucional. *Revista Científica Acadêmicos Pentecostais*, Jequié, v. 1, n. 2, 2026. DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.24057588.

DIREITOS DE USO

É permitido compartilhar, redistribuir, adaptar e construir sobre este material, em qualquer suporte ou formato, desde que seja atribuído o devido crédito ao autor e à publicação original, com indicação do DOI e do link da licença, e que se informe se houve alteração. Não é permitido o uso comercial do material. O autor retém integralmente os direitos autorais; à publicação é concedida licença não exclusiva de publicação e de manutenção do conteúdo em seu acervo digital.

CONSELHO CIENTÍFICO

Prof. Anderson Macedo de Oliveira
Editor-chefe e presidente da Acadêmicos Pentecostais e do conselho científico
Doutor em Teologia. Universidade Cesumar · Centro Internacional de Pesquisa Integralize · UniChristian International University · Unicive.
ORCID · Currículo Lattes · @prandersonmacedo

Prof. Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros
Doutor em História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) · FAECAD · UNIADB · FAPERJ.
ORCID · Currículo Lattes · @prof.pedrohenriquemedeiros

Prof. Rafael Assiz da Silva Alves
Mestre em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) · FABAPAR · Universidade Cesumar · SETEQUE.
ORCID · Currículo Lattes · @rafaelassiz

Prof. Vinícius Oliveira Tropiano de Barros
Doutorando em História do Cristianismo. FACITE · UNIMINAS · UNYLEYA.
ORCID · Currículo Lattes · @profvinitropiano

Prof. Ediudson da Silva Fontes
Mestrando em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) · Faculdade Kennedy · Faculdade de Teologia Integrada · Faculdade da Assembleia de Deus no Brasil.
ORCID · Currículo Lattes · @ediudsonfontes

Prof. André Luís de Souza Carvalho
Mestrando em Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) · UNIGRANRIO · FAETEO.
ORCID · Currículo Lattes · @andreluismestre

APOIO INSTITUCIONAL

Faculdade Brasileira Cristã (FBC)
Perfil institucional · @faculdadefbc

Revista Científica Doxia — Faculdade Brasileira Cristã
faculdadebrasileiracrista.edu.br/revista

Editora Efraim
Perfil institucional · @efraimeditora

HOSPEDAGEM E PRESERVAÇÃO DIGITAL

Os artigos publicados pela Revista Científica Acadêmicos Pentecostais são depositados, preservados e identificados por DOI no repositório científico ZENODO, mantido pelo CERN e pela OpenAIRE, na comunidade Acadêmicos Pentecostais: https://zenodo.org/communities/academicospentecostais/records

As opiniões e os conteúdos expressos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam necessariamente a posição da Revista Científica Acadêmicos Pentecostais, de sua mantenedora ou de suas instituições de apoio.
Publicação de acesso aberto. O conteúdo está disponível gratuitamente, sem taxas de submissão, de processamento ou de leitura.

AVIVAMENTO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Evan Roberts e o País de Gales entre a reforma moral e a permanência institucional

REVIVAL AND SOCIAL TRANSFORMATION: Evan Roberts and Wales between moral reform and institutional permanence

Anderson Macedo de Oliveira[1]

DOI: https://doi.org/10.5281/zenodo.24057588

RESUMO

O avivamento galês de 1904-1905, catalisado por Evan Roberts, é frequentemente apresentado como caso exemplar de transformação social de origem religiosa. Este artigo examina a extensão e a durabilidade dessa transformação, com o objetivo de distinguir o que as fontes sustentam daquilo que a memória devocional consagrou. Adota-se pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem historiográfica, apoiada em literatura secundária revisada por pares e em fontes primárias digitalizadas de acesso aberto, com destaque para periódicos galeses publicados entre janeiro e setembro de 1905. Os resultados indicam reforma moral verificável, concentrada nos comportamentos efetivamente enfatizados na pregação, sobretudo o consumo de álcool, sem alcance correspondente sobre a prossocialidade e a estrutura econômica. Demonstra-se ainda que a cifra de cem mil conversões, amplamente repetida, tem origem visionária anterior ao movimento, e não apuração estatística posterior. O exame do refluxo evidencia ausência de institucionalização, embora a mudança normativa no domínio pregado tenha persistido para além do retorno da membresia eclesial aos níveis anteriores. Conclui-se que o avivamento deixou valores sem deixar estruturas de reprodução, e que a variável decisiva para a durabilidade da transformação social de origem religiosa não é a intensidade da experiência espiritual, mas a capacidade de convertê-la em instituição. Dessa conclusão deriva questão dirigida ao pentecostalismo brasileiro: se a institucionalização alcançada ampliou o espectro da transformação ou apenas estendeu a duração de uma reforma igualmente seletiva.

Palavras-chave: Avivamento galês. Evan Roberts. Religião e transformação social. Rotinização do carisma. Pentecostalismo.

ABSTRACT

The Welsh revival of 1904-1905, catalysed by Evan Roberts, is often presented as an exemplary case of religiously driven social transformation. This article examines the extent and durability of that transformation, aiming to distinguish what the sources sustain from what devotional memory has enshrined. It adopts bibliographic and documentary research of a historiographical

[1] Doutor em Teologia pelo Centro Internacional de Pesquisa Integralize. Mestrando em Educação pela UniChristian International University. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cesumar. Especialista em Metodologia Científica Superior (UNICIV). Autor de nove livros. Curador titular e redator da plataforma de pesquisa pentecostal e carismática Acadêmicos Pentecostais. Pastor na Igreja Batista Belém, Jequié, Bahia. Consultor teológico e editor da Editora Efraim. Membro da Rede Latino-Americana de Estudos Pentecostais, RELEP Brasil, e membro correspondente da Academia Evangélica de Letras do Brasil, AELB. E-mail: contato@academicospentecostais.com

approach, drawing on peer-reviewed secondary literature and on open-access digitised primary sources, notably Welsh newspapers published between January and September 1905. The findings indicate a verifiable moral reform concentrated in the behaviours actually emphasised from the pulpit, above all alcohol consumption, without corresponding reach over prosociality or economic structure. It is further shown that the widely repeated figure of one hundred thousand conversions originated in a vision announced before the movement, rather than in any subsequent statistical count. Examination of the ebb reveals an absence of institutionalisation, although the normative change within the preached domain persisted beyond the return of church membership to pre-revival levels. The article concludes that the revival left values without leaving structures of reproduction, and that the decisive variable for the durability of religiously driven social transformation is not the intensity of spiritual experience but the capacity to convert it into institution. From this conclusion derives a question addressed to Brazilian Pentecostalism: whether the institutionalisation it achieved has broadened the scope of transformation or merely extended the duration of an equally selective reform.

Keywords: Welsh revival. Evan Roberts. Religion and social change. Routinisation of charisma. Pentecostalism.

1 INTRODUÇÃO

O avivamento galês de 1904-1905 produziu transformação moral intensa e documentada no País de Gales, mas de baixa institucionalização, e é essa combinação que explica ao mesmo tempo seu efeito imediato e sua erosão em menos de uma década. Esta é a tese que o artigo sustenta.

O episódio ocupa posição singular na história do cristianismo contemporâneo. Diferentemente da maioria dos movimentos avivalistas, ele deixou rastro documental abundante e verificável, constituído por cobertura de imprensa diária, atas de capelas, estatísticas judiciais e registros de sociedades de temperança. Essa disponibilidade permite deslocar a discussão do terreno do testemunho edificante para o da história social da religião, sem que isso implique reduzir a experiência do Espírito a epifenômeno de crise industrial.

O problema de pesquisa pode ser assim formulado: em que medida o avivamento catalisado por Evan Roberts produziu transformação social estrutural em sua região, ou apenas reforma moral de comportamentos individuais de curta duração? A pergunta importa porque a literatura disponível em língua portuguesa sobre o tema é majoritariamente devocional e opera com cifras cuja cadeia documental nunca foi examinada. Importa também porque a questão que o caso galês levanta é exatamente a que a sociologia da religião brasileira enfrenta hoje ao perguntar o que o pentecostalismo periférico efetivamente transforma no tecido social e sob que condições essa transformação se sustenta.

O recorte é triplo. No plano espacial, privilegia-se o sul do País de Gales, com atenção ao núcleo de Loughor e ao campo carbonífero de Glamorgan, sem perder de vista Cardiganshire e os condados do norte. No plano temporal, trabalha-se com o período de intensidade entre o fim de 1904 e o fim de 1905, com janela de verificação estendida até a década seguinte. No plano analítico, a pergunta não é se houve mudança, mas que tipo de mudança, com que profundidade e com que permanência.

Quanto aos procedimentos, trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem historiográfica, apoiada em literatura secundária revisada por pares e em fontes primárias digitalizadas de acesso aberto, utilizadas em caráter ilustrativo e não exaustivo. O corpus primário provém do acervo Welsh Newspapers Online, da Biblioteca Nacional do País de Gales, e inclui reportagens e correspondências publicadas entre janeiro e setembro de 1905 em periódicos como *The London Welshman*, *The Cambrian*, *The Cardiff Times*, *Evening Express* e *The Towyn-on-Sea and Merioneth County Times*, além de um texto de autoria do próprio Evan Roberts entregue à imprensa em março de 1905. As categorias de análise foram

fixadas previamente: conversão e adesão eclesial, reforma de costumes, sociabilidade e conflito comunitário, institucionalização e durabilidade.

Declara-se desde já a delimitação. Não houve pesquisa de arquivo presencial, não houve acesso direto às séries estatísticas oficiais britânicas do período e o material em língua galesa foi acessado, em sua maior parte, por mediação da historiografia. O artigo também se escreve a partir de uma perspectiva confessional pentecostal e continuísta, o que significa tratar a experiência pneumática relatada pelos contemporâneos como dado histórico real, e não como ilusão a ser explicada, mantendo contudo a exigência de que toda afirmação sobre efeito social seja sustentada documentalmente.

2 GALES EM 1904: CARVÃO, CAPELA E INCONFORMIDADE

O avivamento irrompeu em uma sociedade simultaneamente saturada de religião e em processo de distanciamento dela, e essa tensão é a chave do contexto. Sem ela, o fenômeno parece milagre sem solo; com ela, torna-se inteligível sem deixar de ser extraordinário.

O País de Gales do início do século XX era uma sociedade industrializada de modo intenso e desigual. O campo carbonífero do sul concentrava massas operárias em vales estreitos, com jornadas duras, alta sinistralidade e economias domésticas estreitas. Esse foi o terreno onde o avivamento encontrou sua maior densidade, e não por acaso: a vida nas comunidades mineiras combinava precariedade material, forte coesão comunitária e espaços de sociabilidade concentrados, condições que favorecem a difusão rápida de movimentos coletivos.

O campo religioso era hegemonizado pela Inconformidade. Batistas, congregacionalistas, metodistas calvinistas e wesleyanos haviam conquistado a adesão das camadas populares ao longo do século XIX, a ponto de a expressão nação de inconformistas ter-se tornado descrição corrente do país. Essa hegemonia tinha um componente linguístico decisivo. O galês era a língua da capela e a língua da Bíblia, de modo que pertencimento religioso e identidade nacional reforçavam-se mutuamente. A Igreja Anglicana, por contraste, era percebida como instituição das classes proprietárias e de língua inglesa, o que acrescentava uma dimensão de classe à divisão confessional (Williams, 1952, p. 242).

Essa hegemonia, porém, dava sinais de fadiga. A virada do século registra desaceleração e, em alguns casos, queda da membresia nas principais denominações inconformistas: em 1900, batistas, independentes e wesleyanos tiveram de reportar queda efetiva em relação a 1899 (Morgan, 1981, p. 96). O fenômeno era mais agudo nas áreas industriais, onde os mais jovens eram atraídos pelas novas oportunidades de lazer e consumo e, em parte, pelo socialismo emergente, então associado ao agnosticismo e percebido como rival direto da capela. Ao mesmo

tempo, ganhavam espaço o futebol, o rúgbi e o teatro, que disputavam com as atividades da capela o tempo livre das comunidades operárias (Williams, 1952, p. 245-250).

A dimensão exata desse declínio é objeto de controvérsia historiográfica que o pesquisador precisa reconhecer. Não houve censo nacional de frequência religiosa na era eduardiana, o que torna impossível produzir séries comparáveis e confiáveis para o conjunto do país. Os estudos quantitativos de Clive D. Field sobre o pertencimento religioso na Grã-Bretanha entre 1901 e 1914 sugerem níveis de prática ainda elevados e defendem que a designação sociedade de fé não é inadequada para o período, ainda que a frequência estivesse em declínio nas localidades estudadas (Field, 2013). A conclusão possível é modesta e deve ser assumida como tal: havia erosão perceptível, não colapso.

Há ainda um elemento que a leitura estritamente socioeconômica tende a omitir. O País de Gales possuía tradição avivalista acumulada, com episódios anteriores que funcionavam como repertório cultural disponível, com destaque para o despertamento de 1859. A categoria de experiência pessoal direta, entendida como encontro individual com Deus que produz frutos visíveis na conduta, já estava profundamente enraizada na piedade popular galesa antes de 1904 (Williams, 1952, p. 243-244). Quando o movimento irrompeu, portanto, não irrompeu sobre terreno religiosamente neutro: encontrou uma gramática disponível, que o povo reconhecia e sabia operar.

Esse é o quadro em que se deve ler o que veio a seguir. Uma sociedade cristianizada em profundidade, orgulhosa de sua identidade confessional e linguística, percebendo o enfraquecimento de suas instituições religiosas diante da modernização industrial, e dispondo de um repertório avivalista herdado. A conjunção dessas três condições não produz um avivamento por si mesma, mas explica por que, uma vez iniciado, ele se difundiu com a velocidade que se verificou.

3 EVAN ROBERTS E A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO AVIVAMENTO

Evan Roberts não iniciou o avivamento galês, e a atribuição de sua paternidade ao jovem avivalista é produto da imprensa diária, não do curso dos acontecimentos. Reconhecer isso não diminui sua figura. Antes, permite compreender o mecanismo pelo qual um movimento disperso adquiriu rosto, nome e alcance nacional em poucas semanas.

3.1 A trajetória

Os dados biográficos são seguros. Evan John Roberts nasceu em 8 de junho de 1878 em Island House, Bwlchmynydd, Loughor, no condado de Glamorgan, filho de Henry e Hannah Roberts. Trabalhou como mineiro em Loughor e em Mountain Ash e, em 1902, tornou-se aprendiz de ferreiro. No fim de 1903 começou a pregar em Moriah, Loughor, e foi aceito como candidato ao ministério pela Igreja Presbiteriana do País de Gales. No fim de setembro de 1904 ingressou na escola de John Phillips, em Newcastle Emlyn, para preparar-se ao ministério (Roberts, G. M., 2001).

É nesse intervalo que ocorre a experiência de Blaenannerch, em setembro de 1904, sob a pregação de Seth Joshua, descrita pelos relatos como momento de rendição e de consciência vocacional. Pouco depois, Roberts retornou a Loughor e iniciou as reuniões que o tornariam conhecido. A sequência importa: o jovem que conduziu as reuniões de Moriah era mineiro de origem, candidato ao ministério havia menos de um ano e não possuía posição institucional que lhe conferisse autoridade prévia.

3.2 O avivamento antes de Roberts

A pesquisa de Robert Pope é decisiva neste ponto. Segundo o autor, manifestações avivalistas já ocorriam no norte do País de Gales desde 1903, e evangelistas como Seth Joshua e F. B. Meyer registram reuniões de forte intensidade emocional naquele ano. Na costa oeste, em New Quay, Joseph Jenkins e John Thickens relatam ter perseverado ao longo de 1903 até o rompimento ocorrido em fevereiro de 1904. Quando Joshua chegou à região, anotou em seu diário que ali já se encontrava um notável espírito de avivamento (Pope, 2006, p. 516-517).

O próprio Roberts recusava a atribuição. Em declaração reproduzida por Pope, afirmou não ser a fonte do avivamento, mas apenas um obreiro entre muitos, e negou estar movendo corações ou transformando vidas, atribuindo a Deus a obra realizada por seu intermédio (Pope, 2006, p. 518). A recusa é relevante não apenas como gesto de humildade, mas como testemunho interno que contraria a narrativa construída externamente.

3.3 A imprensa como agente

O *Western Mail*, de Cardiff, e o *South Wales Daily News* passaram a cobrir as reuniões conduzidas por Roberts a partir de 11 de novembro de 1904, e ambos sustentaram que o avivamento se iniciara com ele (Pope, 2006, p. 518). Foi a imprensa, portanto, que cunhou a expressão avivamento de Evan Roberts. O *Western Mail* manteve correspondente dedicado ao

tema, assinando como Awstin, cujas reportagens foram reunidas em série de panfletos intitulada *The Religious Revival in Wales*, publicada pelo próprio jornal entre 1904 e 1905.

O efeito dessa cobertura foi duplo. Por um lado, ela converteu episódios locais e dispersos em acontecimento nacional, acelerando a difusão por emulação: comunidades que liam sobre o avivamento passavam a esperá-lo e a organizar reuniões de oração com essa expectativa. O relato publicado pelo *The Towyn-on-Sea and Merioneth County Times*, em 2 de fevereiro de 1905, descreve exatamente esse padrão, informando que reuniões de oração vinham sendo realizadas em vários locais de culto havia semanas, com caráter entusiasmado, mas que só naquela semana a influência do avivamento alcançara efetivamente a localidade.

Por outro lado, a cobertura produziu personalização excessiva e criou expectativas que as reuniões nem sempre atendiam. A tensão aparece nas próprias fontes. O *The Cambrian* de 6 de janeiro de 1905, ao noticiar a primeira visita de Roberts ao distrito de Swansea, descreve uma multidão que se aglomerava desde cedo movida em boa medida por curiosidade de ver o jovem avivalista, e registra que a congregação, esperando acontecimentos sensacionais, saiu decepcionada.

3.4 O custo pessoal da visibilidade

A documentação de 1905 permite acompanhar os efeitos dessa exposição sobre o próprio Roberts. Em texto de sua autoria entregue ao representante do *The Cardiff Times* em Godrecoed, Neath, na manhã de sábado, 4 de março de 1905, e publicado em galês com tradução inglesa ao lado, Roberts explica que o propósito de seu período de silêncio não fora o descanso do corpo nem da mente, mas constituir um sinal (Roberts, E., 1905). Poucos dias depois, o *Evening Express* de 11 de março noticiava que ele não havia assumido novo compromisso e não decidira quando deixaria Neath, informando ainda que recusara receber visitas e tomara sua refeição em quarto separado.

Esses registros antecipam em cerca de um ano o colapso de 1906 e o afastamento de Roberts da vida pública. Para os fins deste artigo, interessa menos a dimensão biográfica do episódio do que sua consequência estrutural: o movimento havia concentrado sua visibilidade em uma figura que não dispunha de estrutura institucional de sustentação, e cuja retirada deixaria um vazio que nenhuma instância organizada ocuparia. Essa observação prepara o argumento da seção 5.

4 OS EFEITOS SOCIAIS: O QUE AS FONTES SUSTENTAM E O QUE NÃO SUSTENTAM

As fontes coetâneas sustentam uma reforma de costumes ampla, rápida e documentada no País de Gales entre o fim de 1904 e o primeiro semestre de 1905, mas não sustentam as cifras de transformação que circulam na literatura devocional sobre o episódio. Essa distinção é o eixo desta seção. Reconhecer a realidade da mudança não obriga o pesquisador a aceitar a dimensão que lhe foi atribuída pela memória posterior, e o inverso também vale: a crítica das cifras não autoriza reduzir o avivamento a fenômeno de imprensa.

4.1 O que a imprensa coetânea registra

O primeiro conjunto de evidências é a mudança nos indicadores de embriaguez e desordem pública. Em 7 de janeiro de 1905, o *The London Welshman* publicou notas do norte do País de Gales informando que homens antes intoxicados haviam voltado sóbrios para casa, que denunciavam publicamente o mal que haviam praticado e que a polícia encontrara as tarefas da véspera de Ano-Novo inusitadamente leves. A mesma matéria estimava em torno de duas mil pessoas os convertidos agregados no leste de Denbighshire e registrava a presença de bandas de avivalistas percorrendo as ruas e parando diante das casas públicas para cantar hinos. O dado relevante aqui não é a cifra, que o próprio jornal apresenta como estimativa, mas o tipo de comportamento descrito: a reforma moral galesa teve por alvo privilegiado o consumo de bebida e os espaços de sociabilidade a ele associados.

O segundo conjunto diz respeito ao mundo do trabalho. A historiografia acadêmica confirma o que a imprensa descrevia. Robert Pope registra que as mudanças sociais do período foram efetivamente dramáticas, com times esportivos queimando seus uniformes, casas públicas fechando as portas, bêbados reformados e mineiros, siderúrgicos e trabalhadores de pedreiras reunindo-se para orar antes dos turnos e durante os intervalos (Pope, 2006, p. 528). Trata-se de um ponto decisivo para a tese deste artigo: a religiosidade avivalista não permaneceu confinada ao espaço da capela, mas reorganizou o cotidiano produtivo de uma região industrial inteira.

O terceiro conjunto é a reação institucional. Ainda em 7 de janeiro de 1905, o *The London Welshman* reproduziu trechos de carta pastoral do Bispo de St Davids ao seu clero, na qual o prelado anglicano reconhecia que o avivamento religioso havia tocado o coração do povo em muitas partes do país e recomendava uma atitude de simpatia e vigilância diante do movimento. O testemunho tem peso particular por provir de fora do campo inconformista, que

era o campo de origem do avivamento. Quando a instituição concorrente admite o fenômeno e precisa posicionar-se diante dele, a evidência deixa de ser autorreferente.

4.2 O problema das cifras

A cifra de cem mil conversões é a mais repetida e a menos rastreável de toda a bibliografia sobre o avivamento galês. Ela circula em repositórios devocionais que se citam mutuamente, sem cadeia documental que a vincule a qualquer apuração estatística. Reproduzi-la sem ressalva compromete a credibilidade de todo o texto que a acolhe.

A investigação da origem do número é esclarecedora e, até onde se pôde verificar, ainda não foi incorporada à discussão em língua portuguesa. A cifra não resulta de contagem posterior ao avivamento: ela é anterior a ele. A literatura registra que a cifra de cem mil circulava desde o início do movimento associada a uma experiência visionária relatada por Evan Roberts, e que ele a compreendia como garantia de que esse seria o número de almas alcançadas. As descrições, porém, divergem entre si. Prendergast, apoiada em J. Vyrnwy Morgan, refere-se a Cristo apresentando ao Pai um documento com a cifra inscrita (Prendergast, 2018, p. 81), ao passo que R. Tudur Jones descreve uma mão estendida em meio a névoa luminosa, segurando um papel com o número escrito (Jones, 2004, p. 292 apud Lowe, 2020). A divergência entre os relatos é ela própria significativa e recomenda cautela: a fonte mais antiga é a obra crítica de 1909, e nenhuma das versões permite reconstituir com segurança o conteúdo da experiência. O que as duas versões sustentam igualmente, e é só disso que o argumento necessita, é que a cifra foi anunciada antes do fato, circulou pela imprensa junto com os demais relatos atribuídos ao avivalista e só posteriormente passou a ser citada como resultado apurado.

Dois elementos reforçam essa leitura. O primeiro é o próprio arredondamento, pois apurações produzem números irregulares e anúncios proféticos produzem números redondos. O segundo é o precedente de 1859, quando se estimou em cerca de cento e dez mil o acréscimo às igrejas galesas, cifra de ordem de grandeza equivalente e igualmente arredondada (Prendergast, 2018, p. 27). Convém notar que essa cifra de 1859 compartilha a mesma fragilidade da de 1904: Prendergast a toma de White, em cuja obra ela aparece como menção contextual em capítulo dedicado ao metodismo galês do século XVIII, e não como apuração (White, 2009, p. 1). Não se trata, portanto, de validar um número por meio do outro, e sim de constatar que a tradição avivalista galesa dispunha de uma convenção numérica herdada. O número de 1904 inscreve-se nela antes de inscrever-se em qualquer série estatística.

Nada disso implica que não tenha havido conversões em larga escala. Implica que o número que as designa não é um dado apurado, e que a magnitude real do fenômeno precisa ser estimada por outra via.

O caminho metodologicamente defensável é substituir a cifra global por séries verificáveis. O estudo quantitativo de Matt Lowe oferece hoje a melhor base disponível: construído sobre os Judicial Statistics of England and Wales e comparando o País de Gales com a Inglaterra por diferenças em diferenças, ele estima queda da criminalidade agregada entre 5% e 12% no período de 1904 a 1907 e recuo das ocorrências de embriaguez de 37% até 1907 e de 46% até 1911 (Lowe, 2020). O dado contextual é eloquente: a embriaguez respondia por 35% de todos os crimes conhecidos no País de Gales em 1903. A queda é real, expressiva e apurada em série oficial, e seu perfil é informativo, pois o decréscimo mais acentuado ocorre depois do auge do avivamento, o que indica efeito que se instala e se prolonga por anos, e não colapso instantâneo do consumo de álcool.

Mais revelador, porém, é o que não se moveu. Lowe não encontra efeito detectável sobre crimes econômicos, sobre os comportamentos sexuais medidos pelos registros judiciais e pela taxa de nascimentos ilegítimos, nem sobre a assistência aos pobres administrada sob as Poor Laws, que ele toma como indicador de prossocialidade local. O avivamento alterou apenas os comportamentos efetivamente enfatizados nos púlpitos, e R. Tudur Jones, em análise qualitativa de oitocentos sermões do período, registra que não era prática comum dedicar um sermão inteiro a um pecado específico, com uma única exceção, a da bebida (Jones, 2004, p. 159 apud Lowe, 2020). O achado é decisivo para a tese deste artigo: houve reforma moral seletiva, correspondente ao que era pregado, e não transformação moral de amplo espectro.

Para a adesão eclesial, os números das próprias denominações inconformistas, reunidos por Kenneth O. Morgan, indicam crescimento da membresia de cerca de 463 mil em 1903 para cerca de 549 mil ao final de 1905 (Morgan, 1981, p. 96). O acréscimo líquido, portanto, situa-se em torno de 86 mil membros, abaixo da expectativa de cem mil almas que a tradição posteriormente converteu em resultado, e isso sem descontar o crescimento vegetativo que ocorreria de todo modo. A observação não diminui o fenômeno. Um acréscimo dessa magnitude, em um país de pouco mais de dois milhões de habitantes e no intervalo de dois anos, permanece extraordinário segundo qualquer critério sociológico. O que ela faz é substituir uma expectativa anunciada por uma grandeza verificável, retirando do número a função retórica que ele adquiriu.

Dois elementos da própria fonte reforçam essa leitura. O primeiro é a linha de base: Morgan registra 434 mil membros das quatro grandes denominações em 1900, de modo que o

crescimento dos três anos anteriores ao avivamento, de 434 mil para 463 mil, foi de cerca de 29 mil, ao passo que os dois anos do movimento acrescentaram cerca de 86 mil. O contraste entre os dois ritmos demonstra simultaneamente que o fenômeno foi real e que parte do acréscimo teria ocorrido de todo modo. O segundo é a ressalva do próprio historiador, que apresenta as cifras como procedentes das contagens feitas pelas próprias capelas e menciona a orla crescente de simpatizantes que elas igualmente reivindicavam. A cautela quanto à natureza autodeclarada do dado não é, portanto, imposição deste artigo à fonte: está na fonte.

Convém delimitar com precisão o alcance desta crítica, para que não se tome uma coisa por outra. O que se examina aqui é o estatuto historiográfico de um número e o uso que a literatura posterior dele fez, convertendo em estatística apurada aquilo que circulou como expectativa. Nada disso constitui juízo sobre a autenticidade da experiência religiosa dos convertidos galeses, sobre a sinceridade de Evan Roberts ou sobre a atuação do Espírito no episódio. São ordens de questão distintas, e confundi-las seria erro de método. Uma obra do Espírito não depende de validação estatística para ser real, e a história não dispõe de instrumentos para aferi-la; o que a história pode aferir são os registros, as séries e as cadeias de transmissão, e é exclusivamente a isso que este artigo se dedica. A rigor, o reconhecimento de que cerca de oitenta e seis mil pessoas ingressaram nas igrejas galesas em dois anos, em um país de pouco mais de dois milhões de habitantes, com efeitos mensuráveis sobre a conduta pública que sobreviveram ao refluxo institucional, constitui afirmação mais robusta a respeito do movimento do que a repetição de uma cifra que não resiste a verificação.

Duas apurações independentes convergem para essa ordem de grandeza. Lowe calcula, a partir dos registros denominacionais, acréscimo de 81.958 membros entre 1903 e 1905, equivalente a 5,6% da população galesa acima de onze anos, e registra que as três listas de convertidos publicadas pelo Western Mail somavam 87.548 pessoas até fevereiro de 1905 (Lowe, 2020). Nenhuma das duas alcança os cem mil anunciados, e ambas permanecem extraordinárias.

4.3 O contraponto: o limite registrado no próprio auge

A imprensa coetânea não produziu apenas entusiasmo. Em 6 de janeiro de 1905, no auge da repercussão nacional, o *The Cambrian* noticiou a primeira visita de Evan Roberts ao distrito de Swansea sob o título que informava reuniões lotadas, mas com o fogo ausente. A matéria descreve o Tabernáculo de Morriston repleto, um culto praticamente contínuo desde as dez da manhã, uma expectativa generalizada e, ao final, uma congregação que esperara coisas sensacionais e se decepcionara.

Essa única reportagem vale mais, do ponto de vista probatório, do que dezenas de páginas de testemunho edificante. Ela demonstra que o padrão de registro da imprensa galesa não era uniformemente laudatório e que os limites do movimento eram perceptíveis aos contemporâneos enquanto ele ainda ocorria. Para o historiador da religião, isso eleva a confiabilidade do conjunto documental: quando a mesma imprensa que noticiou capelas cheias também noticia reuniões frustradas, os relatos positivos ganham, e não perdem, credibilidade.

4.4 O que as fontes não sustentam

Três afirmações correntes não encontram amparo documental suficiente e devem ser evitadas.

1. **A causalidade exclusiva.** As fontes estabelecem correlação temporal entre o avivamento e a queda da embriaguez e da criminalidade, não causalidade isolada. O período coincide com o avanço do movimento de temperança, com transformações nas relações industriais do carvão e com reconfigurações políticas no País de Gales, variáveis que operavam independentemente.
2. **A homogeneidade geográfica.** A imagem de um país integralmente tomado pelo avivamento não resiste às fontes. O relato do *The Towyn-on-Sea and Merioneth County Times*, de 2 de fevereiro de 1905, informa que apenas naquela semana a influência do avivamento havia finalmente alcançado Towyn, depois de semanas de reuniões de oração locais sem resultado perceptível. A difusão foi desigual, mais intensa no sul industrial e nas comunidades mineiras.
3. **A permanência automática.** Em 23 de setembro de 1905, o *The London Welshman* publicou a carta de um correspondente que, tendo lido sobre o avivamento e seus efeitos, retornara ao País de Gales em férias com a expectativa de encontrar um povo transformado. Ele relata ter encontrado as casas públicas novamente frequentadas e os santuários vazios nas duas localidades que visitou, e pergunta publicamente onde estariam os convertidos. O documento é de dentro do período avivalista e não de uma avaliação retrospectiva, o que lhe confere valor especial para a discussão da durabilidade retomada na seção 5.

4.5 Regra metodológica adotada

Das constatações acima decorre o procedimento que este artigo observa. Nenhuma afirmação sobre efeito social é sustentada neste texto por fonte única, e nenhuma é sustentada

exclusivamente por fonte confessional. Toda asserção de transformação apoia-se, no mínimo, em um registro coetâneo de imprensa e em literatura secundária revisada por pares, e as cifras são apresentadas com indicação de sua cadeia de transmissão. Essa exigência reduz o alcance das afirmações possíveis, mas é o preço de um argumento que pretende dialogar com a historiografia e não apenas com a memória devocional.

5 O REFLUXO: CARISMA SEM INSTITUCIONALIZAÇÃO

O avivamento galês perdeu força não porque a experiência religiosa que o sustentava fosse falsa, mas porque não gerou estrutura capaz de convertê-la em permanência. Essa é a hipótese explicativa que este artigo adota, e ela decorre diretamente das evidências reunidas na seção anterior.

5.1 A evidência do refluxo

O refluxo começou a ser registrado ainda dentro do período avivalista. Em 23 de setembro de 1905, o *The London Welshman* publicou carta de correspondente que, tendo lido sobre o avivamento e seus efeitos ao longo dos meses anteriores, retornara ao País de Gales nas férias de verão esperando encontrar um povo transformado. O que relata é o oposto: casas públicas novamente frequentadas nas noites de sábado, capelas com frequência reduzida e, nas duas localidades que visitou, a impressão de que o movimento se dissipara. A pergunta que dá título ao texto, sobre onde estariam os convertidos, foi formulada menos de um ano depois do auge.

Os dados denominacionais posteriores confirmam a tendência, e o próprio Morgan descreve o impulso dado por Evan Roberts à membresia das grandes denominações como maciço, ainda que temporário (Morgan, 1981, p. 96). O crescimento registrado em 1904 e 1905 não se sustentou, e os ganhos de membresia foram sendo progressivamente erodidos nos anos seguintes. O paradoxo historiográfico galês consiste precisamente nisto: o país que viveu o maior avivamento moderno da Europa ocidental tornou-se, ao longo do século XX, um dos territórios mais secularizados do Reino Unido. A obra de R. Tudur Jones sobre fé e crise nacional no País de Gales entre 1890 e 1914 permanece a análise mais consistente dessa trajetória (Jones, 2004).

5.2 A explicação weberiana

A categoria mais produtiva para interpretar o processo é a de rotinização do carisma. Em Max Weber, a autoridade carismática é por natureza instável: ela repousa sobre a qualidade extraordinária atribuída a uma pessoa ou a uma manifestação, e só sobrevive ao seu momento originário quando se converte em estrutura permanente, seja por via tradicional, seja por via burocrática. Sem essa conversão, o carisma se dissipa com a mesma rapidez com que se instalou (Weber, 2004, v. 2, p. 332). Convém notar que Weber prevê explicitamente duas saídas para o momento em que o movimento reflui: ou a dominação carismática pura se transfere ao institucional, ou se rompe. O caso galês realiza a segunda.

O caso galês oferece ilustração quase didática dessa proposição. O avivamento produziu intensidade religiosa extraordinária, mobilidade leiga, protagonismo feminino e reorganização de condutas, mas não produziu instituições próprias. Não fundou denominação, não criou rede educacional, não gerou aparato assistencial, não constituiu estrutura de formação de convertidos. A ausência é significativa porque o movimento tampouco foi absorvido de modo eficaz pelas denominações inconformistas existentes, que receberam o influxo de novos membros sem dispor de mecanismos de acompanhamento à altura do volume.

A retirada de Roberts em 1906 agrava o quadro, mas não o explica sozinho. Um movimento com estrutura institucional sobrevive à saída de sua figura mais visível; um movimento cuja visibilidade se concentrou em uma pessoa, por obra da imprensa, como se viu na seção 3, carece dessa capacidade de substituição.

5.3 Uma ressalva necessária: permanência normativa sem permanência institucional

A tese da dissipação precisa ser qualificada em um ponto, sob pena de simplificar o que as séries mostram. Lowe verifica que a redução da criminalidade no País de Gales persistiu até 1913, muito depois de a membresia eclesial haver retornado, em 1909, aos níveis anteriores ao avivamento. Quanto à embriaguez em particular, ele não encontra sinal algum de dissipação e sustenta que o avivamento alterou de modo permanente os valores daquela sociedade a respeito da bebida (Lowe, 2020).

O dado obriga a distinguir duas coisas que a literatura costuma confundir. Houve refluxo institucional, inequívoco, medido pela membresia e pela frequência aos cultos. Houve também, porém, permanência normativa, restrita ao domínio que havia sido efetivamente pregado. A formulação defensável não é, portanto, que o avivamento nada deixou, e sim que ele deixou valores sem deixar estruturas. O que se dissipou foi a capacidade de reprodução: o movimento

mudou duradouramente a conduta de uma geração em um ponto específico, mas não constituiu instância alguma capaz de transmitir essa mudança adiante, formar novos convertidos ou estendê-la a outros domínios da vida social. É nesse sentido preciso, e não em sentido absoluto, que a rotinização do carisma não ocorreu.

5.4 As avaliações críticas

A historiografia acadêmica chegou cedo a diagnósticos convergentes. Basil Hall, em crítica publicada em 1972, examinou o avivamento à luz da história da religião popular e apontou os limites de sua caracterização como evento isolado e sobrenatural, situando-o no interior de tradições avivalistas e de condições sociais determinadas (Hall, 1972). C. R. Williams, duas décadas antes, já havia observado a dificuldade de contabilizar a influência do movimento, assinalando que o historiador dispõe antes de impressões do que de evidências mensuráveis, e que a continuidade da Inconformidade naquela geração foi talvez o resultado mais duradouro do episódio (Williams, 1952, p. 254-255).

Esses diagnósticos não precisam ser lidos como hostis à experiência religiosa relatada pelos contemporâneos. Para a perspectiva pentecostal e continuísta adotada neste artigo, a atuação do Espírito no episódio galês não é posta em dúvida pelo fato de o movimento não ter gerado instituições. O que se afirma é algo distinto e teologicamente relevante: a obra do Espírito, uma vez recebida em uma comunidade, requer mediação humana organizada para permanecer no tempo, e a ausência dessa mediação tem consequências históricas verificáveis. A derivação do argumento para o contexto brasileiro é o objeto da seção seguinte.

6 O QUE O CASO GALÊS ENSINA AO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

A variável decisiva para a durabilidade da transformação social de origem religiosa não é a intensidade da experiência espiritual, mas a capacidade de convertê-la em instituição. É esta a proposição que o caso galês permite formular. Convertida em pergunta dirigida ao caso brasileiro, ela deixa de ser apenas comparativa e torna-se incômoda: a institucionalização que o pentecostalismo brasileiro alcançou produziu transformação estrutural, ou tornou duradoura a mesma reforma moral seletiva que o País de Gales viveu por dois anos?

6.1 A lacuna que o artigo ocupa

A bibliografia sobre o avivamento galês circula hoje em dois circuitos que raramente se encontram. De um lado, a história social britânica, que tende a tratar o episódio como

epifenômeno da crise industrial e a desconfiar sistematicamente do relato de experiência religiosa. De outro, a literatura devocional pentecostal, que narra o movimento com admiração e sem controle documental, reproduzindo cifras cuja origem nunca examinou.

Há espaço real para uma terceira posição, que submeta o material devocional ao escrutínio da história social sem adotar o reducionismo que trata a experiência do Espírito como mero sintoma de privação material. É a posição que este artigo tenta ocupar, e ela é pouco disputada justamente porque exige do pesquisador pentecostal uma disciplina documental que a apologética dispensa.

6.2 O deslocamento comparativo

A pergunta que o caso galês levanta é a mesma que a sociologia brasileira da religião formula há décadas. Cecília Loreto Mariz, em pesquisa de campo nas periferias do Rio de Janeiro e do Recife, sustentou que o pertencimento a igrejas pentecostais e a Comunidades Eclesiais de Base funciona como estratégia de enfrentamento da pobreza, acentuando o pentecostalismo as respostas individuais e as CEBs a dimensão comunitária (Mariz, 1994). A mesma autora formulou o estado do debate em termos que descrevem com exatidão o impasse deste artigo: há acordo quanto ao papel do pentecostalismo como protetor contra a anomia, e discordância quanto ao seu potencial transformador, havendo concordância quanto a ser uma religião do pobre e do oprimido, mas divergência quanto a ajudar a transformar a vida do oprimido ou a reforçar a sua opressão (Mariz, 1995, p. 37). O paralelo entre os dois casos é, portanto, substantivo, e não apenas analógico.

Em ambos, a adesão religiosa se concentra entre populações trabalhadoras submetidas a condições materiais adversas. Em ambos, os efeitos imediatos relatados incidem sobre o mesmo repertório de comportamentos, com destaque para o consumo de álcool, a violência doméstica, a dissipação da renda familiar e as redes de sociabilidade associadas a essas práticas. Em ambos, há dificuldade metodológica semelhante para distinguir o efeito religioso de variáveis concorrentes que operam no mesmo período. A convergência é mais estreita do que o paralelo sugere: Mariz observa que o pentecostalismo autônomo brasileiro atrai sobretudo os mais oprimidos entre os pobres e aqueles que atravessam situações de crise, entre as quais nomeia expressamente o alcoolismo, do próprio fiel ou de um familiar, e o desemprego (Mariz, 1995, p. 41). O comportamento que concentrou o efeito mensurável do avivamento galês é, portanto, também aquele em torno do qual a literatura brasileira identifica a adesão pentecostal.

A diferença decisiva está no desfecho. O avivamento galês não gerou herdeiro institucional. O pentecostalismo brasileiro, ao contrário, produziu denominações estáveis, redes

educacionais, aparatos assistenciais, estruturas de formação ministerial e capilaridade comunitária permanente, sustentando um crescimento que o Censo Demográfico de 2022 registra em 26,9% da população de dez anos ou mais, ou 47,4 milhões de pessoas, contra 21,6% e 35 milhões em 2010 (IBGE, 2025). Essa diferença estrutural, e não uma suposta diferença de intensidade espiritual, explica por que um movimento se dissipou em menos de uma década e o outro se consolidou ao longo de mais de um século.

A consolidação institucional, porém, não responde por si mesma à pergunta que importa. O que o caso galês revelou foi reforma moral seletiva, circunscrita ao que era efetivamente pregado, sem alcance verificável sobre a prossocialidade ou sobre a estrutura econômica. Se a leitura de Mariz estiver correta, e o pentecostalismo brasileiro operar predominantemente como estratégia individual de enfrentamento da pobreza, com efeitos comunitários não intencionais, então a institucionalização brasileira pode não ter superado o modelo galês, e sim perpetuado: o mesmo tipo de reforma, agora dotado de mecanismos de reprodução que lhe garantem permanência por gerações. A hipótese é desconfortável para a autocompreensão pentecostal, e é justamente por isso que merece ser examinada em vez de pressuposta.

A pergunta admite ainda um refinamento interno ao campo brasileiro, que a própria Mariz oferece ao encerrar sua análise. A literatura sociológica, observa ela, tende a valorizar os pentecostais tradicionais por darem maior ênfase à Bíblia, à moral e à ética e por formarem comunidades, ao passo que vê os neopentecostais como empresas de venda de bens religiosos (Mariz, 1995, p. 48). Se essa distinção se sustentar, a institucionalização pentecostal brasileira não constitui bloco homogêneo, e a pergunta sobre permanência precisa ser formulada duas vezes. Instituições que formam comunidade e transmitem conteúdo ético reproduzem valores, e é delas que se pode esperar justamente aquilo que faltou ao País de Gales. Instituições que operam pela oferta de bens religiosos reproduzem a si mesmas sem necessariamente reproduzir os valores que lhes deram origem, e nesse caso a permanência institucional pode conviver com a mesma seletividade moral que o caso galês exibiu, agora prolongada por tempo indeterminado. A hipótese formulada acima não se aplica, portanto, de modo uniforme a todo o campo: ela identifica um risco, e esse risco é desigualmente distribuído.

Dessa distinção decorre um critério de avaliação que o caso galês ajuda a enunciar. Não basta perguntar se uma igreja permanece, nem quantos fiéis reúne. A pergunta pertinente é se a instituição que permanece transmite aquilo que a originou, ou apenas a sua forma. O avivamento galês não teve instituição alguma e por isso não transmitiu nada além do que uma geração guardou em si. Uma instituição que se reproduz sem transmitir conteúdo ético não está em situação melhor, apenas em situação mais duradoura.

Um segundo contraste, interno ao próprio caso galês, reforça o argumento. Lowe estima que o Sunday Closing Act de 1881, lei que determinava o fechamento das casas públicas aos domingos no País de Gales e foi a primeira legislação parlamentar britânica aplicável somente àquele país, não produziu efeito mensurável sobre as ocorrências de embriaguez nos anos seguintes, ao passo que o avivamento, duas décadas depois, produziu (Lowe, 2020). Onde a lei fracassou, a mudança de valores operou, e os registros da época indicam por quê: as brechas da norma foram sistematicamente exploradas por uma população que não compartilhava os valores que a haviam motivado.

A conclusão não autoriza desprezar a via legislativa, mas indica que reformas institucionais tendem a ser frágeis quando os valores da população não acompanham o espírito da norma, e que a transformação religiosa pode alcançar o que a coerção não alcança. Para a reflexão pentecostal brasileira, habituada a oscilar entre a aposta na política e a aposta no avivamento, o caso galês sugere que nenhuma das duas basta isoladamente: a lei sem valores não se cumpre, e os valores sem instituição não se transmitem.

6.3 A implicação para a pesquisa e para a prática

Dessa comparação decorrem duas consequências.

A primeira é metodológica e dirige-se ao pesquisador. Ao avaliar o impacto social de qualquer movimento religioso, a pergunta pertinente não é quantas conversões ocorreram, mas que estruturas permaneceram. Conversões são um dado de fluxo, suscetível de inflação retórica e de difícil verificação; instituições são um dado de estoque, documentável e mensurável. O caso galês demonstra que as duas grandezas podem divergir radicalmente.

A segunda é eclesiológica e dirige-se à igreja. Se a permanência do efeito social depende de mediação institucional, então a edificação de estruturas de ensino, assistência e organização comunitária não é atividade secundária em relação à experiência pneumática, mas a condição de sua frutificação histórica. A lição que o País de Gales de 1905 oferece ao pentecostalismo contemporâneo não é a de desconfiar do extraordinário, e sim a de não confiar que o extraordinário, por si só, permaneça.

Há ainda uma terceira consequência, de ordem investigativa, que este artigo não pode desenvolver e deixa formulada. Verificar se a institucionalização pentecostal brasileira ampliou o espectro da transformação ou apenas estendeu a sua duração exige confrontar séries brasileiras de indicadores sociais com a distribuição territorial da adesão pentecostal, em desenho metodológico análogo ao que Lowe aplicou ao caso galês. Enquanto esse exame não

for feito, a afirmação de que o pentecostalismo transforma a periferia permanece plausível e não demonstrada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avivamento galês de 1904-1905 produziu transformação moral verificável e de amplitude incomum, e a documentação coetânea sustenta essa afirmação com segurança. Casas públicas esvaziadas, condenações por embriaguez em queda, reuniões de oração nas minas antes dos turnos, dívidas saldadas e conflitos comunitários pacificados são registros que atravessam fontes de natureza distinta, incluindo testemunhos externos ao campo inconformista, e não podem ser atribuídos a entusiasmo de testemunha interessada.

O que a documentação não sustenta são as cifras que a memória devocional consagrou nem a imagem de um país uniformemente tomado e permanentemente alterado. A mais célebre dessas cifras, a das cem mil almas, revelou-se expectativa profética anunciada antes do fato e só retroativamente lida como apuração. O exame das séries disponíveis indica crescimento denominacional inferior ao que a tradição atribui ao movimento, difusão geográfica desigual e erosão perceptível já em setembro de 1905. Reconhecer isso não é concessão ao ceticismo: é condição para que a parte verdadeira do relato seja levada a sério fora do círculo que já acredita nela.

A hipótese explicativa que organiza este artigo encontrou sustentação nas fontes. O movimento gerou intensidade sem gerar instituição, e essa ausência de mediação organizada responde melhor pelo seu desfecho do que a retirada de Evan Roberts ou do que qualquer juízo sobre a autenticidade da experiência vivida pelos convertidos. A rotinização do carisma, para empregar a categoria weberiana, não ocorreu, e por isso o que permaneceu foram valores circunscritos a um domínio, e não estruturas capazes de reproduzi-los.

Daí decorre a contribuição que se pretendeu oferecer. Para a pesquisa, propõe-se deslocar a pergunta sobre impacto social do número de conversões para a permanência das estruturas. Para a reflexão eclesiológica pentecostal, propõe-se que a edificação institucional seja compreendida como condição da frutificação histórica da obra do Espírito, e não como alternativa a ela.

Permanecem abertas questões que este artigo não pôde resolver e que ficam indicadas para pesquisa futura. Entre elas, o exame direto das séries estatísticas judiciais britânicas do período, o cotejo sistemático das atas de membresia das denominações inconformistas e um estudo comparado de maior fôlego entre o caso galês e a implantação do pentecostalismo em contextos de alta vulnerabilidade urbana no Brasil.

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

EVAN ROBERTS'S latest message: reasons for the silence. To be a "sign". *The Cardiff Times*, Cardiff, 11 mar. 1905, p. 4. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3432633/3432637. Acesso em: 3 nov. 2026.

EVANS, Robert (ed.). *The Welsh Revival 1904: from its commencement to the end of 1905, as recorded in The Christian*. Hazelbrook, NSW: edição do organizador, dez. 2016. 424 p. ISBN 978-0-9945203-3-3.

MR. EVAN ROBERTS: no plans for immediate future. *Evening Express*, Cardiff, 11 mar. 1905, Second Edition, p. 3. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/4150267/4150270. Acesso em: 3 nov. 2026.

NOTES from North Wales. *The London Welshman*, Londres, 7 jan. 1905, p. 7. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3107484/3107491. Acesso em: 3 nov. 2026.

PHILLIPS, D. M. *Evan Roberts: the great Welsh revivalist and his work*. Londres, 1923. Disponível em: https://archive.org/stream/EvanRobertsTheGreatWelshRevivalistAndHisWorkDated1923ByD.M.Phillips. Acesso em: 3 nov. 2026.

ROBERTS at Morriston: crowded meetings, but the "fire" absent. *The Cambrian*, Swansea, 6 jan. 1905, p. 7. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3347537/3347544. Acesso em: 3 nov. 2026.

THE WELSH Revival: Mr Evan Roberts' disciples visit Towyn. *The Towyn-on-Sea and Merioneth County Times*, Towyn, 2 fev. 1905, p. 6. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3715919/3715925. Acesso em: 3 nov. 2026.

W. A. R. Where are the nine? The fruits of the Revival. *The London Welshman*, Londres, 23 set. 1905, p. 8. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3108065/3108073/18. Acesso em: 3 nov. 2026.

Y DIWYGIAD a'i effeithiau. *The London Welshman*, Londres, 7 jan. 1905, p. 3. Disponível em: https://newspapers.library.wales/view/3107484/3107487. Acesso em: 3 nov. 2026.

Literatura secundária

FIELD, Clive D. "The faith society"? Quantifying religious belonging in Edwardian Britain, 1901-1914. *Journal of Religious History*, v. 37, n. 1, p. 39-63, 2013. DOI: 10.1111/1467-9809.12003.

GITRE, Edward J. The 1904-05 Welsh Revival: modernization, technologies, and techniques of the self. *Church History*, v. 73, n. 4, p. 792-827, 2004.

HALL, Basil. The Welsh revival of 1904-5: a critique. *Studies in Church History*, v. 8: Popular Belief and Practice, p. 291-301, 1972. DOI: 10.1017/S0424208400005623.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: religiões: resultados preliminares da amostra*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. 48 p. (Coleção Ibgeana). Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102182.pdf. Acesso em: 7 nov. 2026.

JONES, Brynmor Pierce. *An instrument of revival: the complete life of Evan Roberts, 1878-1951*. Bridge Publishing, 1995. ISBN 0-88270-667-5.

JONES, R. Tudur. *Faith and the crisis of a nation: Wales 1890-1914*. Tradução de Sylvia Prys Jones. Edição de Robert Pope. Cardiff: University of Wales Press, 2004.

LOWE, Matt. *Religious revival and social order*. Working paper. Vancouver: University of British Columbia, 19 out. 2020. Disponível em: https://wpcdn.web.wsu.edu/cahnrs/uploads/sites/5/2020/11/Lowe_WelshRevival_v2_compressed.pdf. Acesso em: 7 nov. 2026.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. *Coping with poverty: pentecostals and Christian base communities in Brazil*. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

MARIZ, Cecília Loreto. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 3, n. 13, p. 37-52, out./dez. 1995. ISSN 0104-0529. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14222. Acesso em: 7 nov. 2026.

MORGAN, D. Densil; JONES, David Ceri. *A history of Christianity in Wales*. Cardiff: University of Wales Press, 2022. ISBN 978-1-78683-822-3.

MORGAN, Kenneth O. *Rebirth of a nation: Wales 1880-1980*. New York: Oxford University Press; University of Wales Press, 1981. xi, 483 p. (The History of Wales, v. 6). ISBN 0-19-821736-6. Consultado por empréstimo digital em: https://archive.org/details/rebirthofnationw0000morg. Acesso em: 7 nov. 2026.

POPE, Robert. Demythologising the Evan Roberts Revival, 1904-1905. *The Journal of Ecclesiastical History*, v. 57, n. 3, p. 515-534, jul. 2006. DOI: 10.1017/S0022046904001496.

PRENDERGAST, Sarah Louise. *The Welsh Revival (1904-1905): recovering the role of Welsh women*. 2018. Tese (Doutorado) - School of History, Philosophy and Culture, Oxford Brookes University, Oxford, 2018. Disponível em: https://radar.brookes.ac.uk/radar/file/01d79095-8ef6-47b1-819f-6dd3d0869c54/1/fulltext.pdf. Acesso em: 3 nov. 2026.

ROBERTS, Gomer Morgan. Roberts, Evan John (1878-1951), “Y Diwygiwr”, revivalist preacher. In: *Dictionary of Welsh Biography*. Aberystwyth: National Library of Wales, 2001. Disponível em: https://biography.wales/article/s2-ROBE-JOH-1878. Acesso em: 3 nov. 2026.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Volume 2. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. Título original: Wirtschaft und Gesellschaft: Grundriss der verstehenden Soziologie.

WHITE, E. M. Revival and renewal amongst the eighteenth-century Welsh Methodists. In: ROBERTS, D. W. (ed.). *Studies in Evangelical History and Thought: Revival, Renewal and the Holy Spirit*. Milton Keynes: Paternoster, 2009.

WILLIAMS, C. R. The Welsh religious revival, 1904-5. *The British Journal of Sociology*, v. 3, n. 3, p. 242-259, 1952.